



Proposta inclusiva sobre o Roteiro geo-turístico do Distrito de Icoaraci, Bairro do Cruzeiro em Belém, Pará.

João Vitor Santos e Silva¹

Rita Denize de Oliveira²

RESUMO

O presente relato de experiência apresenta adequações em um projeto de extensão Roteiro Geo-turísticos desenvolvido no Distrito de Icoaraci pela Universidade Federal do Pará e Fundação Escola Bosque professor Eidorfe Moreira valorizando aspectos turísticos, patrimoniais e memória. O PIBID-programa institucional de bolsa de iniciação à docência incentivou a atividade em 10 de maio de 2025, no bairro do Cruzeiro, distrito de Icoaraci. O roteiro geoturístico de Icoaraci é composto por nove pontos de visitação: 1. Pontão do Cruzeiro; 2. Igreja de São Sebastião; 3. Feira de Artesanato do Paracuri; 4. Trapiche da Orla; 5. Mercado Municipal; 6. Chalé Tavares Cardoso; 7. Casa do Poeta Antônio Tavernard; 8. Foto SIMA; 9. Estação de trem na Travessa Itaboraí. O objetivo geral da experiência consistiu em identificar locais de relevância histórica, etnográfica e geoturística para visitas guiadas com discentes da educação básica e do ensino superior. Diante da dificuldade de locomoção entre alguns trechos do roteiro pela, a ausência de rampas de acesso como no Mercado Municipal, desrespeito às ciclovias, e piso tátil, identificou-se um trecho de maior criticidade entre o Trapiche e o Foto SIMA. Assim, propõe-se a reorganização da ordem dos pontos, com foco em acessibilidade, além da inclusão de 3 novos locais pela relevância patrimonial e histórica: o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, fundado em 1923 e de grande valor histórico-educacional, um ponto de alimentação tradicional como: as tapiocarias da orla que contribuem para a valorização da economia local, um ponto de identidade e religiosidade como a praça da igreja matriz de São Sebastião e Nossa Senhora das Graças. Concluiu-se que as modificações como: a inversão da atual ordem do trajeto, e a inclusão desses 3 pontos ampliam a inclusão de participantes com mobilidade reduzida, tornando o roteiro mais acessível, didático e integrado à realidade territorial e cultural do distrito de Icoaraci.

Palavras-chave: Inclusão, Roteiro geo-turísticos, Icoaraci.

¹Graduando do Curso de licenciatura em geografia da Universidade Federal do Pará-UFPA, jv.ssilva2005@gmail.com

² Doutora em Geografia na Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, denize40geoatm@gmail.com





INTRODUÇÃO

O geoturismo e educação inclusiva, enquanto vertente da geografia, busca integrar a valorização do patrimônio geológico, histórico, cultural e ambiental ao desenvolvimento social das comunidades locais. Dentro dessa perspectiva, o distrito de Icoaraci, localizado em Belém do Pará, apresenta-se como um espaço de grande potencial para a prática de atividades geoturísticas e educacionais. Logo, Icoaraci “vila sorriso” é tradicionalmente reconhecida por sua produção ceramista, patrimônio arquitetônico e expressões culturais singulares, configura-se como um território de memórias e significados que refletem a identidade amazônica e a relação intrínseca entre o homem, capitalismo, cultura e o ambiente vivido.

A Universidade Federal do Pará (UFPA), em parceria com a Fundação Escola Bosque Professor Eidorfe Moreira, tem desenvolvido o projeto de extensão Roteiro Geoturístico de Icoaraci, cujo propósito é promover a educação patrimonial, ambiental e turística a partir de experiências integradas entre a academia e a comunidade. O projeto se insere no âmbito das ações que buscam aproximar a universidade dos territórios urbanos e naturais amazônicos, transformando-os em espaços de aprendizagem e valorização da memória coletiva. Nesse contexto, o envolvimento do PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, fortalece o caráter formativo da ação, estimulando a prática pedagógica em ambientes não formais de ensino e ampliando a compreensão dos futuros docentes sobre o papel social da educação geográfica e turística.

A atividade de campo realizada em 10 de maio de 2025, no bairro do Cruzeiro, permitiu uma análise crítica das condições de acessibilidade e da organização espacial dos nove pontos que compõem o roteiro geoturístico original. Durante a visita, foram observadas barreiras físicas e estruturais que dificultam a circulação de pessoas com mobilidade reduzida, como a ausência de rampas de acesso, a descontinuidade do piso tátil e o uso indevido das ciclovias. Esses fatores limitam a efetiva inclusão social e revelam a necessidade de repensar o planejamento turístico sob uma ótica inclusiva e sustentável.

Dessa forma, este relato de experiência tem como objetivo apresentar as adequações propostas para o Roteiro Geoturístico de Icoaraci, considerando critérios de acessibilidade, inclusão e valorização territorial. Ao propor a reorganização da ordem dos pontos e a incorporação de novos locais de relevância histórica, cultural e econômica, como o Colégio





Nossa Senhora de Lourdes, as tapiocarias da orla e a Praça da Igreja Matriz, pretende-se contribuir para a construção de um percurso mais democrático, educativo e representativo da

diversidade sociocultural do distrito. Assim, o estudo reafirma o compromisso da universidade pública com a produção de conhecimento aplicado e com a promoção de práticas extensionistas voltadas à transformação social e à inclusão no espaço urbano amazônico.

METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta-se como um relato de experiência de abordagem qualitativa e caráter descritivo, desenvolvido a partir de uma aula de campo realizada no dia 10 de maio no bairro do Cruzeiro, distrito de Icoaraci, Belém/PA. A atividade foi vinculada ao Projeto Roteiro Geoturístico de Icoaraci e ao PIBID Interdisciplinar, envolvendo discentes e docentes dos cursos de Geografia e Turismo da Universidade Federal do Pará, com o objetivo de propor melhorias no roteiro geoturístico de Icoaraci, bairro do cruzeiro existente sob a perspectiva da inclusão e da acessibilidade.

Inicialmente, foi realizado um levantamento da literatura sobre a metodologia do roteiro geoturístico, patrimônio e memória e com coleta de dados baseou-se em observações diretas durante a vivência de campo, análise de relatórios anteriores do projeto já executados em outros anos e comentários registrados pelos participantes durante e após a atividade. A metodologia adotada buscou compreender, por meio da observação empírica, as principais barreiras físicas, comunicacionais e organizacionais enfrentadas no percurso, bem como avaliar a percepção dos envolvidos sobre a dinâmica do roteiro e suas potencialidades educativas, socioeconômicas e culturais.

A partir da hegemonia das observações e dos depoimentos, foi elaborada uma análise crítica do trajeto original, que resultou na proposição de três novos pontos visitas e na inversão da ordem dos pontos, com a finalidade de aprimorar o fluxo da caminhada e garantir maior acessibilidade às pessoas com mobilidade reduzida. Ademais, para o registro e tratamento dos dados, foram utilizadas fichas de observação, anotações de campo, registros fotográficos autorizados e planilhas de organização temática. A análise dos relatos seguiu de forma qualitativa, destacando temas recorrentes como mobilidade, bem-estar social, sinalização e mediação. As decisões sobre as mudanças propostas foram discutidas de forma participativa com docentes, bolsistas e moradores locais, de modo a validar as sugestões e garantir coerência com os princípios de inclusão e valorização do patrimônio local.





Os aspectos éticos foram respeitados mediante o consentimento verbal dos participantes e a anonimização dos comentários e imagens utilizados. Assim, a metodologia deste relato articula a observação empírica, a escuta ativa e a participação coletiva como fundamentos para a construção de uma proposta geoturística mais acessível, educativa e socialmente comprometida com a comunidade de Icoaraci.

REFERENCIAL TEÓRICO

A construção de roteiros geo-turísticos com enfoque educativo, patrimonial e inclusivo demanda uma sólida fundamentação teórica. Os projetos realizados em Belém, em particular no distrito de Icoaraci, viabilizam uma análise profunda da relação entre território, memória, patrimônio, identidade local e educação inclusiva, contextualizando as dinâmicas sociais e o papel transformador do turismo pedagógico.

Na Geografia, o estudo do patrimônio, sendo ele material ou imaterial, está relacionado às práticas espaço-temporais presentes na produção do território. Segundo Tavares (2022), o projeto de roteiros geo-turísticos desenvolvido em Belém diferencia-se dos modelos convencionais por priorizar circuitos e pontos pouco valorizados ou mesmo invisibilizados nos roteiros turísticos formais, buscando, assim, resgatar “espaços nos quais é nítida a carência de ações do poder público, principalmente no que se refere à limpeza e segurança, ao contrário do que ocorre em certos espaços restaurados e refuncionalizados”.

Essa noção é complementada por Barros e Serra (2018), ao defender que a vivência do espaço, principalmente em cenários urbanos plurais como Belém e Icoaraci, contribui para a leitura crítica das dinâmicas sociais e históricas, enriquecendo o processo de aprendizagem. Cada bairro, cada praça, escola ou localidade, enquanto elemento do roteiro, dispõe de um arcabouço histórico-cultural que pode ser ressignificado pelas práticas educativas, promovendo o conhecimento do território em sua totalidade.

Para Tavares (2022), a educação patrimonial, quando incorporada aos roteiros turísticos, potencializa o diálogo entre passado e presente, permitindo que os sujeitos repensem seu papel na transformação dos espaços urbanos. Esse diálogo é fundamental na Amazônia urbana, onde as disputas territoriais e simbólicas são atravessadas por contextos de deslocamento, exclusão e resistência.





A relação entre turismo, educação e extensão universitária aparece como central nas experiências relatadas na literatura, conforme (Tavares, 2022) ressalta que o eixo metodológico dessas práticas consiste em etapas colaborativas e participativas, incluindo levantamento bibliográfico, mapeamentos cartográficos, visitas de campo, monitorias, oficinas e interações com a população local. O objetivo é fomentar o protagonismo dos estudantes, professores e moradores na elaboração dos roteiros, valorizando saberes populares e acadêmicos em um processo dialógico e emancipador.

Nigro (2009) salienta que as ações de turismo com ênfase educativa devem propor múltiplos olhares sobre a cidade, proporcionando leituras espaciais inovadoras e críticas, além de ampliar o acesso ao patrimônio e às práticas culturais aos públicos historicamente afastados das dinâmicas urbanas centrais. Isso significa considerar a pluralidade de sujeitos, crianças, jovens, adultos, idosos, pessoas com deficiência, moradores de ilhas, migrantes etc, como ponto de partida metodológico das experiências de campo.

De acordo com Tavares e Pacheco (2019), a aproximação entre ensino formal, patrimônio cultural e turismo só ganha sentido se for orientada pela valorização dos saberes locais e pelo reconhecimento das práticas e narrativas da comunidade. Nessa direção, as visitas monitoradas e oficinas realizadas durante os roteiros tornam-se oportunidades de constituição da autonomia intelectual dos estudantes e de mediação entre conhecimento científico e cotidiano.

Vale ressaltar que Nigro (2009) enfatiza que o espaço urbano é resultado do entrecruzamento de tempos históricos, atores sociais e processos de apropriação, e que a dinâmica extensionista dos roteiros é capaz de revelar essa complexidade, contrapondo-se às abordagens fragmentadas e simplificadoras dos roteiros turísticos comerciais.

Tavares (2022) reitera que “os roteiros de campo são desenvolvidos por meio de uma metodologia que inclui o levantamento de fontes orais, imagens, documentos e mapas, bem como o diálogo permanente com os moradores locais e as instituições parceiras”, possibilitando a (re) construção coletiva das memórias e a democratização do acesso ao patrimônio.

A promoção da inclusão constitui um dos eixos estruturais das propostas geoturísticas analisadas. Castro e Sousa Alves (2019) argumentam que o princípio do acesso pleno ao





conhecimento deve nortear todas as práticas educacionais, e isso envolve pensar desde a concepção dos projetos até a execução das atividades didáticas, garantindo recursos,

adaptações e trajetos que possibilitem a participação de sujeitos com diferentes necessidades. Os autores destacam: “as escolas têm função primordial no processo de inclusão e devem propor em suas metodologias práticas que considerem as diferentes possibilidades de aprendizagem” (Castro; Alves, 2019, p. 4).

Tavares (2022, p. 7) reforça essa premissa ao indicar que “a elaboração dos roteiros é fundamentada no princípio da acessibilidade, considerando as especificidades físicas e culturais de cada localidade, de modo a estimular a participação de públicos diferenciados e promover o direito à cidade e ao patrimônio”. Isso implica reavaliar trajetos, logística, materiais informativos, além de promover a escuta das demandas das pessoas com deficiência, idosos e demais segmentos historicamente excluídos dos espaços turísticos e educativos tradicionais.

A inclusão é, portanto, um valor que se articula tanto à democratização da experiência turística quanto à transformação da educação patrimonial, extrapolando a simples “adaptação” de rotas para se tornar uma dimensão ética e política do planejamento pedagógico. Nesse contexto, Nigro (2009) argumenta que o reconhecimento da diferença e o respeito à diversidade devem pautar todas as etapas do processo educativo, desde a concepção dos roteiros até a avaliação e o retorno coletivo das experiências.

Para Tavares (2022), a identidade do lugar só pode ser realmente apropriada pelos sujeitos quando há a garantia do acesso igualitário aos espaços, objetos e narrativas da cidade, promovendo, assim, um sentido ampliado de pertencimento e cidadania territorial. Salienta que a realização de roteiros extensionistas em Belém e Icoaraci exige, necessariamente, o diálogo entre universidade, sociedade civil e poder público, para a proposição de ações conjuntas de valorização do patrimônio, políticas de preservação e fortalecimento da cidadania. Esse movimento potencializa práticas pedagógicas capazes de responder aos desafios urbanos, à exclusão social e à segregação espacial, ressignificando o papel social da universidade e tornando-a agente ativa na vida cotidiana da cidade.

Nigro (2009, p. 9) observa que “a construção dialógica dos roteiros é um processo de mediação entre expectativas, demandas e constrangimentos impostos pelos diferentes atores”, exigindo, assim, flexibilidade metodológica, escuta ativa e abertura para a construção





conjunta de soluções para os desafios de acessibilidade, segurança, infraestrutura e mobilidade.

Já Tavares e Pacheco (2019) enfatiza o papel da memória coletiva e dos saberes ancestrais na (re)constituição da identidade territorial, destacando a importância do envolvimento ativo da comunidade local tanto na definição dos pontos visitados quanto na mediação das práticas educativas. Essa perspectiva contribui para a promoção do turismo sustentável, centrado na experiência dos moradores e na valorização dos patrimônios vivos.

A discussão sobre inclusão, ao ser articulada à prática dos roteiros geo-turísticos em Icoaraci, aponta para a necessidade de inovar nas estratégias pedagógicas, valorizando itinerários flexíveis, materiais diversificados, dinâmicas sensoriais e múltiplas linguagens, de modo a contemplar os diferentes estilos e demandas de aprendizagem dos participantes (Castro; Alves, 2019).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise do roteiro geo-turístico de Icoaraci, historicamente, revela que o roteiro de Icoaraci privilegiava pontos tradicionais ligados à orla e à praia, atendendo a um olhar turístico convencional, centrado nos fatores naturais e nos marcos mais visíveis, conforme o mapa na figura:





Fonte: Autores, 2025.

Contudo, a alteração do percurso, com a inclusão de novos pontos de referência social e cultural, como o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, as tapiocarias da orla e a Praça Matriz, representa efetivo avanço no sentido de dar visibilidade a elementos do patrimônio imaterial e da memória comunitária. A presença do colégio, por exemplo, insere a dimensão da educação histórica no roteiro, permitindo que os participantes reflitam sobre a evolução do bairro na perspectiva das práticas educativas, em consonância com Castro e Sousa Alves (2019), que destacam o papel central da escola no processo de inclusão e formação de cidadania. As tapiocarias, patrimônio alimentar vinculado à tradição e economia local, materializam a proposta de valorizar saberes ancestrais e práticas cotidianas, conforme defendido por Paes e Oliveira (2019), aproximando o visitante dos modos de vida autênticos da comunidade e estimulando a economia solidária.

A inclusão da Praça Matriz, território de eventos culturais e religiosos, também amplia o espectro do roteiro, integrando manifestações do patrimônio imaterial e das festas que marcam o calendário coletivo do distrito, colocando em prática a valorização das identidades múltiplas destacadas por (Tavares; Pacheco, 2019.).

Mapa 2 – Roteiro inclusivo





Fonte: Autores, 2025.

A inversão dos pontos do roteiro, conforme sugerido no artigo é evidenciado pelo mapa proposto, propicia trajetos mais planos e acessíveis, o que facilita a participação de cadeirantes, pessoas idosas e pessoas com limitações motoras ou outras comorbidades. Essa preocupação com o acesso reflete os fundamentos de práticas pedagógicas inclusivas enfatizadas por Castro e Sousa Alves (2019), garantindo que os roteiros não sejam apenas uma experiência contemplativa, mas também prática e acessível, em linha com o direito à cidade.

Além disso, o contato dos participantes com elementos do patrimônio imaterial e a experiência da gastronomia típica promovem uma imersão sensorial e cultural que potencializa o aprendizado significativo, conforme defendem Tavares (2022) e Nigro (2009). Ao vivenciarem as práticas alimentares, os estudantes experimentam a cidade com todos os sentidos, reconhecendo a importância da cultura local como elemento estruturante da identidade do bairro.

Nas edições anteriores do roteiro geo-turístico de Belém, discutidas por Tavares (2022), observa-se que a inserção de pontos "invisíveis" à lógica turística convencional resulta, não raro, em novas leituras do espaço urbano por parte dos participantes. Ao final da atividade, a





percepção sobre o bairro passa a ser reconfigurada, com destaque para as memórias, afetos e relações comunitárias, aspectos que geralmente não figuram nas abordagens massificadas.

Apesar dos avanços, os resultados indicam que a implementação de roteiros mais inclusivos ainda enfrenta desafios estruturais e de sensibilização. O artigo destaca, por exemplo, limitações de infraestrutura urbana, ausência de pavimentação adequada em alguns trechos e escassez de mobiliário urbano adaptado. Tais fatores podem restringir o acesso pleno aos pontos propostos, exigindo planejamento contínuo e colaboração com o poder público e associações comunitárias, alinhando-se à observação de Tavares (2022) sobre a importância da mediação institucional para o êxito de práticas extensionistas.

O resultado do processo participativo relatado no presente artigo e nos projetos de Belém demonstra que a escuta ativa das comunidades e a participação dos moradores são determinantes para o sucesso da proposta inclusiva. A incorporação de saberes locais, a abertura para que moradores de Icoaraci atuem como monitores ou mediadores e a valorização das tradições do bairro contribuem para reforçar o sentido de pertencimento e a construção coletiva da memória.

A ampliação do roteiro, agora também sensível às demandas de acessibilidade e inclusão, contribuiu para fortalecer os laços entre universidade e comunidade, bem como para estimular o desenvolvimento do turismo sustentável e a geração de renda local, aspectos enfatizados nos textos de referência como essenciais ao turismo contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise e a vivência do roteiro geo-turístico de Icoaraci, articulando práticas extensionistas, valorização do patrimônio (material e imaterial) e compromisso com a educação inclusiva, revelam importantes contribuições para a ampliação dos sentidos do turismo pedagógico e para o fortalecimento da cidadania territorial.

A reorganização do roteiro, integrando pontos tradicionalmente marginalizados como o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, as tapiocarias e a Praça Matriz, reafirma a relevância de se pensar o patrimônio para além dos monumentos e belezas naturais, compreendendo-o em sua dimensão social e comunitária. Ao dar destaque aos saberes locais o roteiro se aproxima das práticas recomendadas pela literatura especializada, para as quais a participação ativa dos





moradores e a valorização das experiências cotidianas são fundamentais à construção de territórios mais justos e integradores.

Os resultados obtidos evidenciam que a inversão e adaptação dos pontos do roteiro não apenas favorecem a acessibilidade física, mas também potencializam experiências pedagógicas significativas, promovendo o pertencimento e a inclusão de sujeitos antes invisibilizados pelas dinâmicas tradicionais do turismo. Em sintonia com a literatura, evidencia-se a urgência do planejamento flexível, da escuta atenta às necessidades dos participantes e do respeito às múltiplas formas de aprender e vivenciar o espaço urbano.

Entretanto, os desafios persistem e ainda são notórias as limitações impostas pelo espaço urbano em relação à infraestrutura e à oferta de materiais acessíveis, apontando para a necessidade de continuidade do diálogo entre universidade.

Por fim, a experiência do roteiro geo-turístico de Icoaraci demonstra que a promoção da inclusão, longe de se restringir à acessibilidade física, compreende a construção de um ambiente social e educativo onde todas as vozes possam ser ouvidas, ressignificando o patrimônio e os sentidos de pertencimento ao território.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, C. R. *et al.* Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas. 2 ed. Porto Alegre: **Mediação**, 2015.

BARROS, M. C.; SERRA, H. H. a Belém da belle époque e os roteiros geo-turísticos como instrumentos de educação patrimonial. **Revista Formação (ONLINE)**, v. 25, n. 44, janabr/2018, p. 209-239.

CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O.. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. **E-Mosaicos**, V. 7, P. 3-25, 2019.

NIGRO, C.. As dimensões culturais e simbólicas nos estudos geográficos: bases e especificidades da relação entre Patrimônio Cultural e Geografia. In: PAES, Maria Tereza Duarte; OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva. (Org.). **Geografia, Turismo e Patrimônio Cultural**. 1ed.São Paulo:Annablume, 2009, v., p. 55-80.

PAES, M. T. D. Apresentação. In: PAES, M.; OLIVEIRA, M. (Orgs.). **Geografia, turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Annablume, 2019, p. 13 -32.

TAVARES, M. G. C.; PACHECO, Agenor Sarraf (Org.); SERRA, Hugo Rogério Hage (Org.), **Geografia, Patrimônio & Turismo na Amazônia brasileira projeto roteiro geo-turístico em Belém do Pará**. 1. ed. Belém: Proex-UFPA, 2019. v. 1. 294p.





TAVARES, Maria Goretti da Costa. Geografia, Patrimônio e Turismo na Amazônia Brasileira: o Projeto Roteiros Geo-Turísticos em Belém do Pará. Confins. **Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, n. 54, 2022.

